
LES FEMMES ILLUSTRÉS (1642) DE MADELEINE DE SCUDÉRY:
TRADUÇÃO DO DISCURSO “SAFO A ERINA”



André Luís Leite de MENEZES*
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Marie-Hélène Catherine TORRES**
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

RECEBIDO EM: 13 de agosto de 2019

ACEITO EM: 12 de dezembro de 2019

PUBLICADO EM: janeiro 2020

Madeleine de Scudéry (1607-1701) faz parte de um panteão de autoras francesas do século XVII – Ninon de Lenclos (1620-1705), Madame de Sévigné (1626-1696), Madame de La Fayette (1634-1693), Madame d’Aulnoy (1651-1705), apenas para citar algumas –, que, apesar de terem deixado um vasto e importante legado literário, são ainda pouco conhecidas em solo brasileiro¹, já que boa parte de suas obras permanece inacessível a um público-leitor de língua portuguesa. Comentando a respeito do ofício do escritor, Rachel de Queiroz disse, em uma entrevista², que para cada escritor há uma razão diferente de escrever e completou: “no meu caso, num certo sentido é o desejo interior de dar um testemunho do meu tempo, da minha gente e principalmente de mim mesmo: eu existi, eu sou, eu pensei, eu senti, e eu queria que você soubesse”. Nesse sentido, retomando as palavras da escritora e tradutora nordestina, podemos então nos indagar se a tradução não seria uma forma de ouvir esses testemunhos de mulheres do passado, escritos silenciados ao longo da história, e, também, uma maneira de se (re)pensar o cânone literário, muitas vezes androcêntrico e excludente.

Conforme apontou André Lefevere (1992), a tradução, longe de ser uma atividade “neutra”, de fato reproduz demandas sociais e históricas e tanto influencia a sedimentação de velhos paradigmas, ideias, conceitos e gêneros literários, como os desconstrói, gerando novas perspectivas e outras (re)leituras. Para Olga Castro (2017), caberia aos Estudos da Tradução questionar o que se traduz, quem traduz e com quais critérios o faz, buscando, assim, diminuir

atitudes discriminatórias ligadas ao gênero e, conseqüentemente, enriquecendo grandemente o campo da tradução e da literatura. No que se refere às obras de autoria feminina, ainda segundo Castro (2017, p. 230), não se trata de colaborar com as mulheres “pelo fato de que sejam mulheres (constituindo uma atitude paternalista), mas porque suas obras são relevantes, embora essa relevância permaneça oculta por não se adequar aos critérios estipulados pelo cânone patriarcal”.

Voltando a atenção à escritora Madeleine de Scudéry, vale dizer, grosso modo, que é uma das mais prolíficas autoras da história literária francesa. Seu romance, *Artamène ou le Grand Cyrus* (1649-1653), publicado em dez volumes, é considerado um dos mais longos romances franceses de todos os tempos. Nascida em 15 de novembro de 1607 na comuna de Le Havre, situada na região da Normandia, Scudéry fez bastante sucesso nos salões parisienses – entre os quais vale mencionar o célebre salão da Marquesa de Rambouillet (1588-1665) – que eram voga na sociedade francesa seiscentista. Proveniente de uma família aristocrática normanda sem muita importância e órfã desde muito cedo, ela contaria com a colaboração de seu irmão mais velho, Georges de Scudéry (1601-1667), que se encarregaria de assinar a maioria das obras da irmã, seguindo os costumes daquele tempo, que impunham o anonimato e a discrição às mulheres escritoras. Toda a instrução dos dois irmãos fora dada por intermédio de um tio eclesiástico com quem os Scudéry ficariam após a morte dos pais, e que lhes permitiria o estudo das artes, da leitura, das línguas e da filosofia.

Madeleine nunca chegou a se casar, optando pelo celibato, que pode ser compreendido como uma forma de liberdade para aquela época, já que as mulheres casadas eram consideradas propriedade dos maridos. Não é à toa que Madeleine seria lembrada posteriormente pela crítica como uma das mais influentes “preciosas” de seu tempo, isto é, mulheres associadas ao preciosismo, que segundo Carla Cristina Garcia (2011, p. 32) se constituiu como um “fenômeno complexo que se apresenta ao mesmo tempo como um modelo de comportamento, uma corrente literária, um movimento sobretudo feminino que afrontava temas que iam muito além do âmbito da cultura”, colocando a mulher no centro do debate e buscando uma condição intelectual igualitária para o sexo feminino. É em seu romance, *Clélie, histoire romaine* (1654-1660), que se encontra o *Carte de Tendre* ou *Carte du Pays de Tendre* [O mapa do País da Ternura], uma espécie de representação topográfica e alegórica do amor seguindo os ideais do preciosismo e inspirado nos códigos da cavalaria medieval, retratando a mulher como um ser perfeito e inalcançável, mostrando os vários

obstáculos (rios, desertos e montanhas) que o homem deve superar para alcançar o amor espiritual e pleno.

Apesar de ter sido premiada por importantes instituições literárias – pela Academia Francesa em 1671 e pela Academia de Ricovrati em 1684 –, Madeleine (entre outras escritoras) foram bastante ridicularizadas por literatos famosos de sua época (Molière, Furetière e Boileau), provavelmente incomodados pela forte presença feminina que dominava o cenário das Letras no século XVII. Seria apenas recentemente, contudo, a partir de novas perspectivas feministas, que a obra de Madeleine de Scudéry passaria a ser reavaliada pela crítica. Não mais taxada de “preciosa pedante” ou como um simples “fenômeno de salão”, sua fortuna crítica passa a ser examinada sob aspectos filosóficos, teológicos e epistemológicos. Oferecendo uma rica análise das virtudes e dos vícios da sociedade aristocrática de sua época, sempre com um recorte de gênero, enfatizando-se a condição feminina, criticando, por exemplo, os abusos de poder na relação entre os homens e mulheres, especialmente na prática de estupro e casamento forçado³, a obra de Scudéry nos fornece uma tradução valiosa dos costumes e pensamentos daquele período histórico a partir de uma perspectiva feminina. A escritora morre em 2 de junho de 1701 com quase 94 anos de idade, o que era bastante incomum, considerando os padrões de vida da época. Deixou uma série de obras, dos mais diversos gêneros literários: romance, novela, diálogo, oratória, carta.

O trecho que aqui se propõe traduzir faz parte de *Les femmes illustres, ou les harangues héroïques*, obra que ganhou sua primeira publicação em 1642 na França — edição que hoje pode ser acessada por meio do acervo digital da Biblioteca Nacional Francesa (Gallica) – e a qual apresenta uma coletânea de vinte discursos imaginários, chamados de *harangues*, pronunciados por importantes figuras femininas da Antiguidade, silenciadas ao longo da história, como Cleópatra, Sisigambis, Sofonisba, Pórcia, Berenice, Zenóbia, Lucrécia, entre outras. Segundo o Dictionnaire de l’Académie Française⁴, o vocábulo *harangue* remontaria ao termo italiano *ar(r)inga* — que no século XV significava “discurso público” —, provavelmente formado a partir da palavra *ar(r)ingo*, que, por sua vez, se referia a uma “arena”, “local de encontro”. O trecho ora escolhido trata-se da vigésima e última arenga da coletânea, em que Safo, a célebre poetisa grega — que, aliás, era também o pseudônimo de Scudéry nos salões e meios mundanos — exorta sua amiga e poetisa Erina a se dedicar às artes, à literatura e à ciência. A originalidade dessa arenga, em particular, reside no fato de Scudéry apresentar uma Safo que não é mais passiva, simples objeto de discurso, aquela que sofre por amor ou lamenta a ausência do amante, como se lê nos poemas

epistolares de Heroides, escritos por Ovídio, rompendo com essa tradição literária, tornando-se, então, o próprio assunto do discurso, configurando-se como uma narradora autodiegética que se fundamenta em processos retóricos (arte tradicionalmente masculina) para expressar sua coragem, sua eloquência, seu orgulho e sua ambição, num grande apelo em favor das conquistas femininas.

Desse modo, vale enfatizar a relevância de um texto que, apesar de ter sido produzido há mais de 370 anos, continua a abordar questões atuais e instigantes. Afinal, as mulheres do século XXI ainda lutam por reivindicações igualitárias e por melhores indicadores nas áreas social, educacional, política e econômica. Assim, lido a partir desse novo contexto, o texto que se apresenta a seguir configurar-se-ia antes como um manifesto, uma intervenção política, um grito embrionário de empoderamento feminino e, acima de tudo, uma celebração da mulher.

O discurso fictício proferido por Safo ofereceu muitos desafios tradutórios não apenas devido à escrita do francês arcaico, mas também por suas diversas técnicas de argumentação, pelas longas frases repletas de conjunções subordinativas, pela ausência absoluta de parágrafos, pelos poemas com rimas emparelhadas e cruzadas e pelas palavras de múltiplas acepções, tais como *esprit*, *mérite* e *inclination*. Com relação ao vocábulo *amie*, por exemplo, vale aludir à sua dupla acepção certamente ambígua que há na leitura do texto em francês, já que a palavra pode ser usada para se referir tanto a “amiga” como “amante”, o que não acontece no português, em que “amiga” elimina uma importante possibilidade de interpretação que poderia sugerir uma possível intimidade amorosa entre as duas mulheres.

Na medida do possível, foi necessário adotar certas mudanças sintáticas de modo a manter a escrita em português claro e compreensível. Apesar de não ter sido encontrada qualquer tradução em português do Brasil, foi de grande ajuda a consulta de duas traduções para o inglês, que forneceram importantes possibilidades de leitura. O trecho em questão não possui separações de parágrafos. Contudo, visando facilitar a leitura, optou-se em dividir o texto seguindo o exemplo das traduções para o inglês consultadas⁵. Assim, pôde-se colocar o texto em francês e o texto traduzido em tabelas, lado a lado, possibilitando ao leitor um cotejamento entre as duas escritas. Também foi indispensável, em algumas passagens, recorrer a notas de fim de página, a fim de elucidar certas referências não tão evidentes.

Por fim, vale comentar ainda acerca da tradução do pronome sujeito *vous*, que em francês é usado para se referir a um “tu”/“você” formal ou plural. Antes, porém, é necessário compreender de que forma o discurso de “Safo a Erina” está estruturado. Primeiramente

MENEZES, André Luís Leite de; TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Les femmes illustres (1642) de Madeleine de Scudéry: Tradução do discurso “Safo a Erina”*. Belas Infiéis, Brasília, v. 9, n. 1, p. 223-241, 2020.

apresenta-se um argumento introdutório que informa o leitor sobre o assunto da arenga; a seguir, são apresentados quatro versos com rimas do tipo ABAB, que foram preservadas na tradução; na sequência, há o discurso de Safo a Erina propriamente dito; por fim, outros oito versos são apresentados, dessa vez com rimas do tipo AABB, também mantidas em português, e, ao final, apresenta-se um fechamento ao discurso, intitulado “efeito desta arenga”, no qual o interlocutor reafirma a eficiência do discurso proferido, mencionando os êxitos posteriores das duas poetisas. Há, portanto, a voz de Safo, que se dirige à amiga Erina, e há a voz de um narrador que introduz o discurso. Em ambos os momentos, o uso do pronome *vous* é recorrente, não sendo utilizado o pronome em francês *tu*, empregado principalmente em contextos informais e familiares. Na tradução, contudo, optou-se por uma distinção entre essas duas vozes: o pronome “vós” para o narrador que introduz e encerra o argumento, o que dá um tom mais sério e solene, e o pronome “tu” para se referir a Erina, dando um tom menos formal, já que se trata de um diálogo (fictício) entre as duas poetisas.

<p style="text-align: center;">LES FEMMES ILLVSTRES, OU LES HARANGVES HEROIQVES</p> <p style="text-align: center;">SAPHO A ERINNE. VINGTIESME HARANGVE.</p>	<p style="text-align: center;">AS MULHERES ILUSTRES, OU AS ARENGAS HEROICAS</p> <p style="text-align: center;">SAFO A ERINA. VIGÉSIMA ARENGA.</p>
<p style="text-align: center;">Argvment</p> <p><i>Vovs allez entendre parler cette Illufre femme, dont tous les fiecles ont tant parlé : que Platon mefme admiroit ; dont l'image a esté grauée, comme celle d'une Deeffe, dans toute la monnoye d'un grand Peuple ; dont il nous refte encore vne eſpece de Poëſie, dont les vers font appellez Saphiques, à cauſe que ce fut elle, qui en inventa la meſure ; & que deux grands Hommes de l'Antiquité Grecque & Romaine, ont appellée la dixieſme Muſe. Je luy fais prendre l'occafion, d'exorter fon amie à faire des vers comme elle, afin de faire voir que les Dames en font capables : & qu'elles ont tort de négliger, vne ſi agréable occupation. C'eſt l'Argument de cette Harangue, que ie donne en particulier, à la gloire de ce beau ſexe ; comme en general, ie luy ay donné tout ce volume.</i></p>	<p style="text-align: center;">Argumento</p> <p>Vós ouvireis falar aquela mulher ilustre de quem tanto se falou ao longo dos séculos, que foi admirada pelo próprio Platão; aquela cuja imagem fora gravada, como a de uma deusa, por toda a moeda de uma grande nação; de quem nos resta ainda uma espécie de poesia, cujos versos foram chamados “sáficos”, porque foi ela quem inventou a medida, e a quem dois grandes homens da antiguidade greco-romana chamaram “a décima musa”. Estou dando-lhe a oportunidade para exortar sua amiga a escrever versos assim como ela fazia, a fim de mostrar que as mulheres também são capazes disso, e que elas se enganam ao negligenciar uma ocupação tão satisfatória. Tal é o argumento desta arenga, a qual ofereço em particular à glória desse belo sexo, assim como de um modo geral este volume lhe é inteiramente dedicado.</p>
<p><i>Viens voir en cette belle choſe, L'eſtonnement de l'Vniuers : Mais ſouuiens-toy que cette Proſe, N'eſt pas ſi belle que ſes Vers.</i></p>	<p>Contemplai essa coisa valiosa, A maravilha dos Universos. Mas não vos esqueçais de que essa prosa, Não é tão valiosa quanto estes versos.</p>
<p style="text-align: center;">SAPHO A ERINNE</p> <p><i>Il faut Erinne, il faut que ie ſurmonte aujour d'huy en voſtre ame, cette deffiance de vous-meſme, & cette fauſſe honte, qui vous empeſchent d'employer voſtre eſprit, aux choſes dont il eſt capable. Mais il faut auparauant que de vous parler de voſtre</i></p>	<p style="text-align: center;">SAFO A ERINA</p> <p>É preciso, Erina, é preciso, hoje, que eu te ajude a superar essa descrença de si mesma e essa falsa modéstia que te impede de usar a mente para fazer tudo o que ela é capaz. Mas antes, é preciso falar do teu mérito em particular, mostrar o do nosso sexo em geral,</p>

merite en particulier, que ie vous fasse voir celuy de nostre sexe en general : afin que par cette connoissance, ie vous puisse porter plus ayfémēt à ce que ie veux. Ceux qui disent que la Beauté, est le partage des femmes ; & que les beaux Arts, les belles lettres, & toutes les sciences sublimes & releuées, sont de la dominiō des hommes, sans que nous y puissions prétendre aucune part ; sont esgallement esloignez, de la iustice & de la vérité. Si la chose estoit ainsi, toutes les femmes seroient nées avec de la beauté, & tous les hommes avec vne forte disposition à deuenir sçauants : autrement, la Nature seroit iniuste, en la dispensation de ses Thresors. Cependant nous voyons tous les iours, que la laydeur se trouue dans nostre sexe, & la stupidité dans l'autre. Que s'il estoit vray, que la Beauté fust le seul aduantage, que nous eussions receu du Ciel, non seulement toutes les femmes seroient belles, mais ie crois encor, qu'elles le seroiēt iusques à la mort ; que le Temps respecteroit en elles, ce qu'il destruit à tous les momēts ; & que n'estans enuoyées au monde, que pour y faire voir leur Beauté ; elles seroient belles, tant qu'elles seroient au monde. En effect, ce seroit vne estrange destinée, de suruiure vn siecle, à la seule chose, qui pourroit nous rendre recommandables : & de ce grand nombre d'années, qui nous conduisent au Tombeau, n'en passer que cinq ou six avecques gloire.

de modo que, por meio deste conhecimento, eu possa te demonstrar mais facilmente o que quero dizer. Aqueles que dizem que a beleza é atributo das mulheres, e que as belas-artes, as belas-letras e todas as ciências sublimes e elevadas pertencem ao domínio dos homens, sem que tenhamos direito a nenhuma parte, estão igualmente distanciados da justiça e da verdade. Se a coisa fosse assim, todas as mulheres teriam nascido belas e todos os homens teriam nascido com uma forte disposição para se tornarem sábios; caso contrário, a natureza seria injusta na divisão dos tesouros. No entanto, vemos diariamente a fealdade em nosso sexo e a estupidez no outro. Se fosse verdade que tivéssemos tido a beleza como único dom recebido dos céus, não somente todas as mulheres seriam belas, mas penso, ainda, que o seriam até a morte, que o tempo pouparia nelas o que destrói a todo instante e que, tendo sido enviadas ao mundo simplesmente para exhibir sua beleza, elas seriam belas pelo tempo que passassem no mundo. De fato, seria um destino estranho, sobreviver um século inteiro tendo apenas uma única coisa que poderia nos tornar louváveis, e, dessa longa soma de anos que nos conduz ao túmulo, ter apenas cinco ou seis de glória.

Les choses que la Nature semble n'auoir faites, que pour l'ornement de l'Vniuers ; ne perdent presque iamais la Beauté, qu'elles leur a vne fois donnée. L'or, les perles, & les diamants, conferuent leur esclat aussi long-temps que leur estre : & le Phenix mesme à ce que l'on dit, meurt avecques sa beauté, pour ressusciter avec elle. Disons donc apres cela, que puis que nous ne

Essas coisas que a natureza parece ter feito somente para enfeitar o universo dificilmente perdem a beleza que alguma vez lhes foi dada. Ouro, pérolas e diamantes conservam o brilho por toda a existência, e até mesmo a fênix, pelo que dizem, morre com a beleza para depois ressuscitar com ela. Deduzimos, então, já que não vemos nem rosas, nem lírios, na tez da maior das

<p><i>voyons point de rofes ny de lys fur le teint des plus belles, que la rigueur de quelques hyuers ne fletriffe ; que nous ne voyons point d'yeux, qui apres auoir esté plus esclatants que le Soleil, ne se couurent de tenebres ; & qui apres auoir faict cent Illustres conquestes, ne se trouuent en estat de ne voir presques plus que les conquestes des autres ; difons dis-je, que puis que nous voyons que chaque instant de la vie, nous dérobe malgré nous & malgré nos foins, les plus belles choses que nous ayons ; que le temps emporte nostre ieunesse ; que ces filets d'or où tant de cœurs se prennent, ne seront plus vn iour que des filets d'argent ; & qu'enfin cét air de la Beauté, qui se mesle si agreablement, dans tous les traits d'un beau visage ; & où l'on voit paroistre vn rayon de la Diuinité ; n'est pas assez fort, pour vaincre les maladies, le temps, & la vieillesse ; Concluons dis-je, qu'il faut de necessité, que nous ayons d'autres aduantages que celuy-la.</i></p>	<p>beldades, que o rigor de alguns invernos não murche, e já que não vemos olhos que não se ofuscam depois de terem sido mais radiantes que o sol, e os quais, depois de terem feito uma centena de conquistas ilustres ficam reduzidos a meros observadores das conquistas alheias, deduzimos, digo eu, já que vemos que cada instante da vida nos tira, contra nossa vontade e apesar de todos os esforços, aquilo que temos de mais caro, já que o tempo leva embora nossa mocidade, e já que as redes de ouro que apanharam tantos corações um dia se transformam em redes de prata, e finalmente, já que este ar de beleza que se mescla agradavelmente em todos os traços de um belo rosto, e onde vemos aparecer um vislumbre de divindade, não é forte o bastante para vencer as doenças, o tempo e a velhice, concluímos, digo eu, que devemos possuir outras qualidades além dessa.</p>
<p><i>Et pour en parler raisonnement, la Beauté est en nostre sexe, ce que la valeur est en celuy des hommes : mais comme cette qualité ne les empesche pas, d'aymer l'estude des belles lettres ; cét aduantage aussi, ne nous empesche point, de les apprendre & de les sçauoir. Que s'il y a quelque difference, entre les hommes & les femmes, ce doit estre seulement, pour les choses de la guerre : c'est à la Beauté de mon sexe à conquerer les cœurs ; & à la valeur, & à la force des hommes, à conquerer des Royaumes. L'intention de la Nature, paroist si claire en cette rencontre, qu'on ne s'y peut opposer : ie consents donc, que nous laissons prendre des Villes, donner des batailles, & conduire des armées, à ceux qui font nez pour cela : mais pour les choses qui n'ont besoin, que de l'imagination, de la</i></p>	<p>E, para dizer de forma sensata, a beleza está em nosso sexo assim como a bravura está no dos homens, mas da mesma forma que esse traço não os impede de apreciar o estudo das belas-lettras, nossa beleza também não nos impede de conhecê-las. Se houver alguma diferença entre homens e mulheres, existe apenas nos assuntos da guerra: a beleza do meu sexo conquista os corações, enquanto a bravura e a força dos homens conquistam os reinos. A intenção da natureza parece ser tão clara nesse caso que não se pode negá-la: consinto, então, que deixemos o tomar cidades, promover batalhas e liderar exércitos àqueles que nasceram para isso; mas para as coisas que exigem imaginação, argúcia da mente, memória e juízo, dessas não tolero que sejamos desapropriadas.</p>

<p><i>viuacité de l'esprit, de la memoire, & du iugement ; ie ne sçauroids souffrir que l'on nous en priue.</i></p>	
<p><i>Les hommes, qui comme vous sçaeuz, sont presques tous nos esclaves, ou nos ennemis ; quand mesme les chaines que nous leur faisons porter leur semblent trop pesantes, ou que les ayants brifées, ils sont les plus irritez contre nous ; ne nous disputent pourtant point, n'y la Beauté de l'imagination ; n'y la viuacité de l'esprit ; n'y la force de la memoire ; mais pour le iugement, quelques-vns ont l'iniustice de soutenir, qu'ils en ont plus que nous. Je pense toutesfois, que la moderation, & la modestie de nostre sexe, font assez voir que nous n'en manquons point : & puis, s'il est vray que nous possedions ces premiers aduantages au souuerain degré ; il est presques impossible, que nous ne possedions pas l'autre. Car si nostre imagination, nous monstre les choses comme elles sont ; si nostre esprit les connoit parfaitement ; & si nostre memoire nous sert comme il faut ; le moyen que nostre iugement puisse errer ? L'imagination quand elle est viue, est vn miroir si fidelle ; l'esprit quand il est illuminé, penetre si profondement les choses ; & la memoire quand elle est heureuse & cultiuée, instruit si puissamment par l'exemple ; qu'il est impossible, que le iugement ne se forme pas.</i></p>	<p>Os homens — como tu sabes, são quase todos ou nossos escravos, ou nossos inimigos, e mesmo quando as correntes que nós os obrigamos a carregar parecem muito pesadas, ou quando são quebradas, tornam-se os mais bravos com a gente — não nos disputam nem a beleza da imaginação, nem a argúcia da mente, nem a força da memória. Mas com relação ao juízo, alguns afirmam injustamente que o possuem mais do que nós. Penso, todavia, que a moderação e a modéstia do nosso sexo são suficientes para demonstrar que não nos falta nada nessa área; e, além disso, se for verdade que possuamos no mais soberano grau aquelas primeiras qualidades, então seria praticamente impossível que não possuamos a última. Porque se a nossa imaginação nos mostra as coisas tais como são, se a nossa mente nos deixa conhecê-las perfeitamente, e se a nossa memória nos serve como deve servir, como seria possível nosso juízo falhar? A imaginação, quando é vivaz, é um espelho tão fiel; a razão, quando é iluminada, penetra tão profundamente nas coisas; e a memória, quando é hábil e cultivada, instrui tão poderosamente pelo exemplo que é impossível não desenvolver o juízo.</p>
<p><i>Croyez-moy Erinne, quand la mer est calme, il est difficile de faire naufrage ; le plus mauuais Pilote peut entrer au port ; & il n'est point d'escueils, que l'on ne puisse esuiter quand on les voit, & que les vagues ne sont point esmeuës. Pour moy ie vous aduouë que ie ne comprends pas, que ceux qui nous laissent l'imagination, l'esprit, & la memoire en partage ; puissent se vanter, d'auoir plus de iugement que nous. Car le</i></p>	<p>Confia em mim, Erina, quando o mar está calmo, é difícil naufragar; o pior piloto é capaz de entrar no porto, e não há rochedos que não possam ser evitados quando os vemos e quando as ondas não estão agitadas. Quanto a mim, confesso que não entendo como aqueles que nos deixam ter a imaginação, a inteligência e a memória possam se vangloriar de ter mais juízo do que nós, pois se a imaginação não lhes</p>

<p><i>moyen de penser, que leur imagination, ne leur montrant pas les choses comme elles sont ; que leur esprit, ne les connoissant pas parfaitement ; & que leur memoire, ne leur est pas fidelle ; le moyen dis-je, de penser, que sur des rapports si faux, leur iugement puisse agir equitablement ? non Erinne, cela n'est pas possible : & pour estre plus raisonnables que quelques-vns d'entr'eux ; difons, que parmy eux & parmy nous, il y a des personnes qui ont tout ensemble, de l'imagination, de l'esprit, de la memoire, & du iugement.</i></p>	<p>mostra as coisas como são, se a mente não os deixa discerni-las muito bem, e se a memória não lhes é tão eficaz, se os meios de pensar têm fundamentos tão imprecisos, como poderia o juízo deles agir de forma justa? Não, Erina, isso não seria possível, e para ser mais sensata que alguns desses, concordemos que entre eles e entre nós há pessoas que têm ao mesmo tempo imaginação, inteligência, memória e juízo.</p>
<p><i>Ce n'est pas que si ie le voulois, ie ne pusse faire voir, par vne induction forte & puissante ; que nostre sexe pourroit se vanter, d'estre plus riche des Thresors de l'esprit que celuy des hommes. Car considerez Erinne, cét ordre presque Vniuersel, que l'on voit entre tous les animaux, qui viuent dans les bois & dans les cauernes : vous verrez, que ceux qui sont nez avec de la force & du cœur, sont bien souuent peu adroits, & peu intelligents : & que les foibles pour l'ordinaire, ont vn instinct plus puissant, & sont plus près de la raison ; que ceux à qui la Nature, a donné d'autres aduantages. Vous iugez bien que, felon cét ordre, la Nature ayant donné plus de force & plus de courage aux hommes qu'aux femmes ; elle doit aussi nous auoir donné, & plus d'esprit, & plus de iugement : Mais encore vne fois Erinne, accordons leur qu'ils en ont autât que nous ; pourueu qu'ils demeurent aussi d'accord, que nous en auõs autant qu'eux.</i></p>	<p>Não que eu não pudesse mostrar, se assim o quisesse, usando um firme e rigoroso raciocínio, que o nosso sexo pode se vangloriar de ser mais rico do que o dos homens quando se trata de tesouros da mente. Considera, Erina, essa lei quase universal que vemos entre todos os animais que habitam as florestas e as cavernas: verás que aqueles que nascem com força e coragem são frequentemente pouco hábeis e pouco inteligentes, e que os fracos normalmente possuem um instinto mais aguçado e estão mais próximos da razão do que aqueles para os quais a natureza deu outras qualidades. Tu podes muito bem concluir, seguindo tal princípio, uma vez que a natureza deu mais força e mais coragem aos homens do que às mulheres, que ela também deve ter-nos dado mais inteligência e mais juízo. Mas, novamente, Erina, concedamos que eles tenham o mesmo que nós, contanto que eles concordem que tenhamos o mesmo que eles.</p>
<p><i>Vous me direz peut-estre, que quand du consentement de tous les hõmes, i'auray obtenu cette déclaration ; ie ne pourray pas encore vous persuader, que la connoissance de belles lettres, soit bienseante à vne femme : puis que par vn vsage que les</i></p>	<p>Tu me dirás, talvez, que mesmo conseguindo essa declaração de todos os homens, eu ainda assim não poderia te assegurar que o conhecimento das belas-lettras seja apropriado para uma mulher, porque, devido a convenções estabelecidas</p>

<p><i>hommes ont estably, de crainte peut-estre d'estre surmontez par nous ; l'estude nous est aussi defenduë que la guerre. Faire des Vers, est mesme chose que donner des batailles, si nous les en voulons croire : & pour tout dire, il semble que l'on ne nous permet, que ce que l'on nous deuroit plustoft defendre.</i></p>	<p>por homens, talvez por medo de serem superados por nós, o estudo nos é tão proibido quanto a guerra. Escrever versos é o mesmo que travar guerras, se quisermos acreditar nelas, e para dizer a verdade, parece que só nos permitem aquilo que deveriam antes nos proibir.</p>
<p><i>Quoy Erinne, nous aurons l'imagination belle ; l'esprit clair-voyant ; la memoire heureuse ; le iugement solide ; & nous n'employerons toutes ces choses, qu'à friser nos cheveux, & qu'à chercher les ornements, qui peuuent adiouter quelque chose à nostre Beauté ! non Erinne, ce seroit abuser inutilement, des faueurs que nous auons receuës du Ciel. Celles qui sont nées avec des yeux à faire des conquestes, n'ont que faire de ioindre l'artifice, aux graces de la Nature : & ce seroit donner vn indigne employ à l'esprit, que de ne le faire agir toute nostre vie, qu'à de semblables occupations.</i></p>	<p>Por que, Erina, teríamos uma boa imaginação, uma mente perceptiva, uma memória lúcida e um juízo sólido apenas para enrolar nossos cabelos e procurar enfeites que pudessem acrescentar algo na nossa beleza? Não, Erina, isso seria desperdiçar as dádivas que recebemos dos céus. Aquelas que nascem com olhos feitos para conquistar não fariam nada senão acrescentar artifícios às graças da natureza — e passar toda a vida com tarefas semelhantes seria dar uma ocupação indigna à mente.</p>
<p><i>On pourroit mesme dire, que si les choses estoient ordonnées comme il faut, l'estude des belles lettres, deuroit plustoft estre permise aux femmes qu'aux hommes : car comme ils ont la conduite de l'Vniuers ; que les vns sont Roys ; les autres Gouverneurs de Prouinces ; quelques-vns Sacrificateurs ; les autres Magistrats ; & tous en General, Maistres de leurs familles : & par consequent occupez, ou aux affaires du Public, ou aux leurs en particulier ; ils ont sans doute peu de temps à donner, à cette sorte d'estude. Il faut qu'ils le déroberent à leurs suiets, à leurs amis, ou à eux-mesmes : mais pour nous, nostre loisir & nostre retraicte, nous en donnent toute la facilité, que nous pourrions souhaitter. Nous ne dérobons rien au Public ny à nous mesmes : au contraire, nous nous enrichissons, sans apauurir les autres ; nous illustrons nostre</i></p>	<p>Poder-se-ia dizer, também, que se as coisas estivessem ordenadas como devem ser, o estudo das belas-lettras deveria ser permitido mais às mulheres do que aos homens, pois como eles estão no comando do universo — alguns são reis, outros governadores de províncias, alguns são sacerdotes, outros magistrados, e todos, em geral, são chefes de suas famílias e, conseqüentemente, ocupados com assuntos públicos ou negócios particulares —, certamente possuem pouco tempo para se dedicar a esse tipo de estudo. Eles precisam roubar tempo dos seus assuntos, dos seus amigos ou deles mesmos. Mas, para nós, nosso ócio e nosso retiro nos dão toda a oportunidade que poderíamos desejar. Não roubamos tempo do que fazemos na esfera pública ou de nós mesmas; pelo contrário, enriquecemo-nos sem precisar empobrecer outros; trazemos</p>

<p><i>Patrie, en nous rendans Illuftres ; & fans faire tort à perfonne, nous aquerons beaucoup de gloire. Il eft biẽ iufte ce me femble, puis que nous laiffons la domination aux hommes, qu'ils nous laiffent du moins la liberté, de connoiftre toutes les chofes, dont noftre esprit eft capable : Le defir du bien, ne nous doit point eftre defendu : & par confequent, ce n'eft pas vn crime de le pratiquer.</i></p>	<p>honra à nossa nação ao trazer honra a nós mesmas; e sem fazer mal a ninguém, alcançamos grande glória. Parece-me justo, já que deixamos os homens dominarem tudo, que eles nos deixem ao menos a liberdade de conhecer todas as coisas das quais nossa mente é capaz. O desejo de fazer bem as coisas não nos deve mais ser proibido e, por consequência, deixa de ser crime de praticá-lo.</p>
<p><i>Les Dieux n'ont riẽ faict d'inutile en toute la Nature : chaque chofe fuit l'ordre, qui luy a efté donné : le Soleil eclaire & efchauffe l'Vniuers : la Terre nous donne tous les ans des fleurs & des fruicts : la mer nous donne toutes fes richesses : les riuieres arrousent nos prairies : les bois nous preftent leurs ombrages : & toutes chofes enfin, feruent à la focieté Publique. Cela eftant ainfi, pourquoy veut-on que nous foyons les feules rebelles & mefconnoiffantes enuers les Dieux ? pourquoy veut on dis-je, que noftre Esprit foit ou indignement employé, ou eternellement inutile ? qu'elle bien-feance peut-il y auoir, à mefpriſer ce qui eft honnefte ? & quelle raifon peut tomber d'accord, que ce qui eft infiniment louiãble de foy, deuienne mauuais & condamnable dès qu'il eft en nous ?</i></p>	<p>Os deuses não criaram nada sem utilidade em toda a natureza; cada coisa segue um plano estabelecido: o sol ilumina e aquece o universo; a terra nos dá flores e frutas em abundância; o mar nos oferece todas as suas riquezas; os rios irrigam nossos prados; as florestas nos cedem suas sombras; e, de fato, tudo isso é útil para a sociedade. Sendo assim, por que querem que sejamos as únicas rebeldes e ingratas com os deuses? Por que querem, então, pergunto eu, que nossa mente seja usada de forma indigna e sempre sem utilidade? Que dignidade pode haver em querer desprezar o que é honesto? E por qual razão devemos concordar que o que é infinitamente louvável em alguém se torna logo condenável se estiver em nós?</p>
<p><i>Ceux qui ont des esclaves, les font instruire pour leur commodité : & ceux que la Nature ou l'vsage, nous ont donnez pour Maiftres, veulent que nous esteignons en noftre ame, toutes les lumieres que le Ciel y a mifes : & que nous viuions, dans les plus espaiſſes tenebres de l'ignorance. Si c'eft pour obtenir plus ayſément noftre admiration, ils n'arriuent pas à leur fin : puis que nous n'admirons point ce que nous ne connoiffons pas. Que ſi c'eft auffi, pour nous rendre plus affuietties, ce ſentiment n'eft pas genereux : & s'il eft vray, qu'ils ayent</i></p>	<p>Aqueles que têm escravos os educam para sua própria conveniência, mas aqueles que a natureza ou o costume nos deram como mestres querem que apagemos em nossas almas todas as luzes que os céus ali colocaram e que vivamos nas mais profundas trevas da ignorância. Se é para conseguir mais facilmente nossa admiração, eles não atingiram o objetivo, pois não podemos admirar aquilo que não conhecemos; se é para nos tornar mais subservientes, isso não merece estima; e se é verdade que eles têm algum poder sobre</p>

<p><i>quelque Empire sur nous, c'est rendre leur domination peu glorieuse, que de regner sur des stupides & sur des ignorantes.</i></p>	<p>nós, não há glória nenhuma em dominar apenas estúpidas e ignorantes.</p>
<p><i>Vous me direz peut-estre, que tous les hommes ne nous font pas si rigoureux : & que quelques-vns confentent, que les femmes employent leur esprit, à la connoissance des belles lettres : pourueu qu'elles ne se meslent pas, de vouloir elles mesmes composer des ourages. Mais que ceux qui font de cette opinion se fouiennent, que si Mercure & Apollon font de leur sexe, Minerue & les Muses font du nostre. J'aduouë neantmoins, qu'ayant autant receu du Ciel que nous auons, nous ne deuons pas nous engager legerement, à vne semblable chose. La honte par exemple, n'est pas à faire des Vers ; mais à en faire mal : & si les miens n'auaient eu le bon-heur de plaire, ie n'en aurois iamais monstré deux fois. Cette honte ne nous est pas toutesfois particuliere : & quiconque faict mal vne chose, qu'il entreprend volontairement ; merite sans doute d'en estre blasmé, de quelque sexe qu'il puisse estre. Vn mauuais Orateur, vn mauuais Philosophe, & vn mauuais Poëte, n'acquierent guere plus de gloire, qu'une femme qui s'acquiteroit de mauuaise grace de toutes ces choses : & de quelque sexe que l'on soit, on merite reprehension quand on faict mal ; & beaucoup d'estime quand on faict bien. Mais pour donner quelque chose à l'vsage, & à la deprauation du siecle ; laissez Erinne, toutes ces sciences espineuses, à ceux qui n'ayment à chercher la gloire, que par des sentiers difficiles.</i></p>	<p>Tu me dirás, talvez, que nem todos os homens são tão severos e que alguns até deixam as mulheres usarem a mente para estudar as belas-letras, desde que não venham querer produzir elas mesmas essas obras. Mas esses que defendem tal opinião devem recordar que se Mercúrio e Apolo são do seu sexo, Minerva e as Musas são do nosso⁶. No entanto, devo confessar que, tendo recebido tanto dos céus, não devemos nos engajar em tal coisa de forma amena. A vergonha, por exemplo, não é escrever versos, mas escrevê-los mal, e se os meus não tivessem tido a boa sorte de agradar, nunca os teria exibido duas vezes. Tal vergonha não é exclusividade nossa; quem não faz direito algo produzido espontaneamente, sem dúvida, merece ser culpado, independentemente do sexo. Um mal orador, um mal filósofo e um mal poeta dificilmente conseguem mais glória do que uma mulher que se empenha em tudo isso a contragosto. E não importa o sexo, deve ser reprovado aquilo que é feito mal e deve ser apreciado aquilo que é feito bem. Mas porque o costume e a depravação desta época determinam, Erina, concedamos todas essas ciências espinhosas para aqueles que preferem buscar a glória por caminhos tortuosos.</p>
<p><i>Je ne veux pas vous conduire, en des lieux où vous ne voyez rien d'agreable : Je ne veux pas que vous passiez toute vostre vie, dans les importunes recherches, de ces secrets qu'on ne trouue point : Je ne veux</i></p>	<p>Não desejo te conduzir a lugares onde tu só verás coisas desagradáveis; não quero que tu passes a vida nessa busca cansativa por segredos sem solução; não desejo te ver usar a inteligência de modo inútil para descobrir</p>

<p><i>pas que vous employez tout vostre esprit inutilement, à connoistre en quel lieu les vents font leur retraite, apres auoir fait faire des naufrages : & ie ne veux pas enfin, que vous consumiez le reste de vous iours, à Philosopher indifferemment sur toutes chofes. I'ayme vostre repos, vostre gloire, & vostre Beauté tout ensemble : ie ne veux point pour vous de ces fortes d'estude, qui rendent le teint iaune ; les yeux enfoncez ; le visage haue ; qui rendent l'humeur sombre & inquiete. Ie ne veux point que vous fuyez la societé ny la lumiere : mais ie veux seulement, que vous me suiuiiez aux bords du Permesse. C'est-là Erinne, que ie vous veux conduire : c'est-là que vous me surpasserez, auffi-toft que vous y ferez arriuéé : c'est là que vous acquerrez vne Beauté, que le Temps, les années, les saisons, la vieilleffe, & la mort mesme, ne pourront vous dérober : & c'est là enfin, que vous connoistrez parfaitement, que nostre sexe est capable, de tout ce qu'il veut entreprendre.</i></p>	<p>para onde os ventos vão depois de terem causado naufrágios; e, por fim, não quero que tu gastes o resto dos teus dias filosofando com indiferença sobre todas as coisas. Eu me importo com a tua tranquilidade, glória e beleza, todas juntas: não quero para ti esses estudos que deixam a pele amarelada, os olhos com olheiras, o rosto empalidecido, rugas na testa e o humor sombrio e inquieto. Não quero que tu fujas da sociedade ou da luz do dia. Quero antes que tu me sigas até as bordas do Parnaso⁷. É para esse lugar, Erina, que eu gostaria de te guiar; é nesse lugar que tu deves me superar desde o momento da tua chegada; é nesse lugar que tu atingirás uma beleza que nem o tempo, nem os anos, nem as estações, nem a velhice, nem a própria morte poderão te roubar; é nesse lugar, finalmente, que tu compreenderás plenamente que o nosso sexo é capaz de tudo aquilo que almejamos realizar.</p>
<p><i>Vous me direz peut-estre, qu'en voulant vous porter à la Poësie, ie ne vous tiens pas ma parole : puis que dans les descriptions que l'on fait de ceux qui font des vers, il semble que la Beauté ne peut compatir, avec les grimaces que l'on leur faict faire. Mais sçachez Erinne, que cela n'est qu'une inuention des hommes : qui ont voulu faire entendre, que comme nous voyons ceux qui rendent les Oracles, estre troublez par la presence du Dieu qui les faict parler ; de mesme auffi, la Poësie estant toute diuine, trouble ceux qui la pratiquent. Mais quand cela feroit ainsi, vos yeux n'en feroient pas moins clairs : car comme lors que l'oracle est rendu, le Prestre retrouue sa premiere tranquillité ; vous n'aurez pas auffi plustoft quité la plume, que vous retrouuerez vos premieres graces. Et puis, ie ne pense pas</i></p>	<p>Tu me dirás talvez que, ao querer te conduzir à poesia, eu falto com minha palavra, já que a beleza parece ser incompatível com os semblantes carrancudos que são atribuídos àqueles que escrevem versos. Mas saiba, Erina, que isso não passa de uma invenção dos homens que quiseram que acreditássemos nisso; assim como vemos aqueles que leem os oráculos serem perturbados pela presença do deus que os faz falar, tão divina poesia irá igualmente incomodar aqueles que a praticam. Mas mesmo que isso acontecesse, teus olhos não ficariam menos reluzentes, pois assim como o sacerdote reencontra a sublime paz após o oráculo ter se pronunciado, tu também voltarás ao estado de graça de antes, assim que tiveres deixado a pluma. E, além disso, não penso que tu</p>

<p><i>que vous remplissiez iamais vostre esprit, de si funestes images, qu'il en puisse reiallir, quelque chose de funeste dans vos yeux.</i></p>	<p>chegarias a ponto de preencher a cabeça com imagens tão atrozés de modo a transparecê-las nos teus olhos.</p>
<p><i>Vous ferez Maistresse absoluë, des fuiets que vous voudrez traicter : & de tant de beautez qui font en la Nature, vous pourrez choisir celle, qui touchera le plus vostre inclination. La description d'un bois, ou d'une fontaine ; les plaintes d'un Amant & d'une Maistresse ; ou l'Eloge de quelque vertu ; vous donneront d'assez amples fuiets, de faire paroistre les Talents, que le Ciel a mis en vostre perfonne. Vous estes née avec de si glorieux aduantages, que vous feriez ingrate enuers ceux qui vous les ont donnez, si vous n'en sçauiez pas bien vsfer.</i></p>	<p>Tu serás a senhora absoluta dos assuntos que tu fores tratar, e das tantas belezas que a Natureza ostenta, tu poderás escolher aquela que melhor te apraz. A descrição de uma floresta ou de uma fonte, as lamúrias de um enamorado ou de sua amante, ou a exaltação de alguma virtude, tudo isso te proverá temas suficientemente diversos para que possas demonstrar os talentos com os quais os céus te agraciaram. Tu nasceste com qualidades tão gloriosas que seria uma imensa ingratidão da tua parte não fazer bom uso delas.</p>
<p><i>Vous me demanderez peut-estre, s'il n'est pas assez glorieux à vne belle femme, que tous les beaux esprits de son temps, fassent des vers à sa loüange, sans qu'elle se mesle, de faire elle-mesme son portraict ? Vous me demanderez dis-je, si sa gloire n'est pas mieux establie de cette façon que de l'autre ? mais i'ay à vous respondre, que quelques Eloges que l'on vous puisse donner, il vous feroit plus glorieux, d'auoir fait des vers pour tous les Illustres de vostre siecle, si vous les faisiez bien ; qu'il ne vous le feroit, qu'ils en eussent tous fait pour vous. Croyez-moy Erinne, il vaut mieux donner l'immortalité aux autres, que de la receuoir d'autruy : & trouuer sa propre gloire chez soy, que de l'attendre d'ailleurs. Les portraits que l'on feroit de vous de cette sorte, ne passeroient peut-estre vn iour chez la Posterité, que pour des tableaux faicts à plaisir. On admireroit plus l'imagination des Poëtes, que vostre beauté ; & les copies enfin, passeroient pour Originiaux. Mais si de vostre propre main, vous laissez quelques marques de ce que vous estes, vous viurez toufiours avec honneur, en la memoire de</i></p>	<p>Talvez tu me perguntes se já não há bastante glória para uma bela mulher ser exaltada por todos os grandes poetas do seu tempo, sem ela precisar fazer seu próprio retrato, tu me perguntarás, eu sei, se a glória não estaria mais bem estabelecida dessa forma. Mas basta te responder que, por mais elogios que te possam dar, seria mais glorioso escrever versos para as pessoas ilustres do teu século, se tu os fizeres bem, do que se fossem eles que os tivessem escritos para ti. Acredita em mim, Erina, mais vale dar a imortalidade aos outros do que recebê-la dos outros, mais vale encontrar a glória consigo do que esperar que ela venha de fora. Esses retratos que os outros fazem, correm o risco de ficar para a posteridade apenas como quadros feitos por prazer. A imaginação dos poetas acaba sendo mais admirada do que a tua beleza, e as cópias, eventualmente, são tomadas por originais. Mas se deixares marcas de quem tu és com a própria mão, então viverás para sempre honrada na memória de todos. Aqueles que da tua época formularem elogios a tua pessoa parecerão sensatos e aqueles que não o fizerem</p>

<p><i>tous les hommes ; ceux de vostre siecle qui vous auront louée, passeront lors pour veritables ; & ceux qui ne l'auront pas fait, pour stupides ou pour enuieux.</i></p>	<p>parecerão estúpidos ou invejosos.</p>
<p><i>Je ne pretends pas toutesfois, que vous fassiez vostre portraict ; que vous parliez de vostre Beauté ; de vostre vertu ; & de toutes les rares qualitez qui sont en vous : Non, ie ne veux pas imposer, vne si dure chose à vostre modestie. La Poësie a bien d'autres priuileges : vous n'avez que faire de parler de vous, pour vous faire connoistre à la Posterité : vous n'avez qu'à parler de bonne grace, & l'on vous connoistra assez. Oüy, Erinne, quãd vous n'employeriez vostre plume, qu'à blasmer les vices de vostre siecle, on ne laisseroit pas de vous louer.</i></p>	<p>No entanto, não estou exigindo que tu faças teu próprio retrato, que tu fales da tua beleza, da tua virtude, e de todas as tuas raras qualidades. Não, impor uma tarefa tão árdua para a tua modéstia não é o que desejo. A poesia oferece tantas possibilidades: basta que tu fales de ti para que te conheçam na posterioridade; basta falar com elegância, que serás muito bem conhecida. Sim, Erina, basta usar tua pluma para condenar os vícios da tua época para que as pessoas não deixem nunca de te exaltar.</p>
<p><i>Considerez donc encore vne fois ie vous en coniuere ; combien foible & peu durable, est la reputation qui se fonde sur la Beauté. De tout ce nombre infiny de belles femmes, qui ont sans doute vescu dans les siecles qui ont precedé le nostre, à peine auons nous oüy parler de deux ou trois seulement : & dans ces mesmes siecles, nous voyons la gloire de plusieurs hommes, solidement establie, par les escrits qu'ils nous ont laissez. Faites Erinne, que le Temps, la vieilleffe, & la mort, ne vous dérobent que des rofes ; & qu'ils n'emportent pas toute vostre Beauté. Triomphez de ces ennemis de toutes les belles choses : mettez-vous en estat de souûtenir par vostre exemple, la gloire de nostre sexe : faites aduoüer à nos communs ennemis, qu'il nous est aussi facile de les vaincre, par la force de nostre esprit, que par la Beauté de nos yeux : faites paroistre vostre iugement, par le mespris des sottises, que le vulgaire dira, de vostre resolution : faites voir à toute la Terre, de si beaux tableaux de vostre imagination ; de si nobles efforts de vostre esprit ; de si beaux effects de</i></p>	<p>Então, perceba mais uma vez, eu te peço, quão fraca e transitória é a fama fundada na beleza. Do número infinito de mulheres bonitas que, sem dúvida, viveram em todos os séculos que precederam o nosso, ouvimos falar apenas de duas ou três, mas nesses mesmos séculos vemos a glória de vários homens solidamente estabelecida por meio dos escritos que eles nos deixaram. Erina, permita que o tempo, a velhice e a morte te roubem apenas as rosas, mas não deixe que levem toda a beleza. Triunfa sobre esses inimigos em tudo o que há de mais belo; coloca-te em posição de defender, pelo teu próprio exemplo, a glória do nosso sexo; mostra aos nossos inimigos de sempre que é tão fácil vencê-los com a força da nossa inteligência, assim como através da beleza dos nossos olhos; mostra, com teu juízo, repúdio por essas injúrias, que o mais comum dos homens reconhecerá tua a determinação; mostra para o mundo inteiro, com os belos quadros da tua imaginação, com os notáveis esforços da tua mente, com a admirável eficiência da tua memória, e</p>

<p><i>vostre memoire ; & de si belles marques de vostre iugement ; que vous seule ayez l'aduantage, d'auoir restably la gloire de toutes les femmes. Ne mesprisez donc pas ce que ie vous dis : car si par vne fausse honte, vous ne vous resoluez point à me fuiure ; & que vous fassiez confister, toute vostre gloire en vostre Beauté ; vous pleurerez de vostre viuant, la perte de cette Beauté. L'on parlera de vous, comme si vous auiez esté d'un autre siecle : & vous trouuerez lors, que i'auray eu raison de vous dire auuiourd'huy, ce que ie pense auoir dit, autrefois, dans quelques vns de mes Vers,</i></p>	<p>com as provas sublimes do teu juízo, que tu tens, por si só, o poder de reestabelecer a glória de todas as mulheres. Não despreza o que te digo, pois, se por uma falsa modéstia tu decidires não seguir os meus conselhos e concentrar toda a glória na tua beleza, irás lamentar ainda em vida a perda dessa mesma beleza. Falarão de ti como se tu tivesses pertencido a outro século, e tu perceberás, então, que eu tinha razão em te dizer hoje o que penso ter dito outrora em alguns destes meus versos.</p>
<p><i>Les lys, les oeillets, les Rosfes, Et toutes ces belles choses, Dont vostre visage est peint ; L'esclat des yeux & du teint ; Tout perdra forme & matiere ; Et vous mourrez toute entiere, Si pour vaincre la Parque, & la fatalité, Vous n'allez par l'estude, à l'immortalité.</i></p>	<p>Os lírios, os cravos, as rosas, E todas essas coisas primorosas, Que à tua face dão cor; Rosto e corpo cheios de fulgor; Acabarão como um maltrapilho; E tu inteira ficarás sem brilho, Se, para vencer a parca e a fatalidade Tu não chegares, pela instrução, à [imortalidade.</p>
<p style="text-align: center;"><i>Effect de cette harangve</i></p> <p><i>L'on ne peut pas dire, que cette harangue n'eut point d'effect, si l'on prend les choses au pied de la lettre : car il paroît bien, que celle à qui elle s'adreffoit ; se laissa porter où l'on voulut, puis qu'une Epigramme Grecque nous a dit ; qu'autant que Sapho surpassoit Erinne en Poësie Lyrique ; autant Erinne surpassoit Sapho, en vers Hexametres. Que si l'on s'esloigne du sens Literal, pour s'aprocher de mes intentions ; ie seray bien glorieux, si ie puis persuader à nos Dames, ce que cette belle Lesbienne, persuadoit à son Amie : & plus encore, si ie puis persuader à toute la terre, que ce beau Sexe, est digne de nostre adoration : afin</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>Efeito desta arenga</i></p> <p>Não se pode dizer que esta arenga não teve nenhum efeito, se tomarmos as palavras ao pé da letra, pois parece que aquela a quem esta arenga se endereçava seguiu a direção desejada, já que um epigrama grego nos disse que tanto Safo superou Erina em poesia lírica quanto Erina superou Safo em versos hexâmetros. Mas se nos afastamos do sentido literal para considerar minhas intenções, ficaria muito satisfeita se tiver conseguido instigar nossas damas da mesma forma que essa admirável lesbiana⁸ instigou sua querida amiga e ficaria mais ainda se tiver instigado o mundo a enxergar que esse fascinante sexo é digno de nossa adoração</p>

<i>qu'on luy confacre vn iour des Temples & des Autels, comme ie luy confacre maintenant, L'ARC DE TRIOMPHE, QVE I'AY ESLEVE A SA GLOIRE.</i>	para que um dia templos e altares sejam consagrados às mulheres, tal como agora consagro-lhes O ARCO DO TRIUNFO ERGUIDO À SUA GLÓRIA ⁹ .
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

REFERÊNCIAS

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. **Tradterm**, São Paulo, v. 29, p. 216-250, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/134563/130370>. Acesso em: 5 jan. 2020.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. 3 ed. São Paulo: Claridade, 2011.

LEFEVERE, André. **Translation / history / culture: a sourcebook**. London; New York: Routledge, 1992.

SCUDÉRY, Madeleine. **Les femmes illustres, ou Les harangues héroïques** [de Mr de Scudéry : avec les véritables portraits de ces héroïnes, tirez des médailles antiques]. Paris: Antonin de Sommerville e Augustin Courbé, 1642, p. 422-442. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109257n.image>. Acesso em: 7 dez. 2019.

240

* André Luís Leite de MENEZES – Mestrando em Estudos da Tradução e Graduado em Letras Francês (2018) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/9572666418292946>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8882-0166>
E-mail: andreluisleite13@gmail.com

** Marie-Hélène Catherine TORRES – Doutora em Estudos em Tradução (2001) pela *Katholieke Universiteit Leuven*, Bélgica. Mestre em Literatura Brasileira (1995) e graduada em Português/Francês (1992) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou pesquisa de pós-doutorado na *Université Bordeaux Montaigne* (2019), França, com bolsa do CNPq, e na Universidade Federal de Minas Gerais (2011-2012), Brasil. É professora titular na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/1477390958277483>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9263-0162>
E-mail: marie.helene.torres@gmail.com

¹ É importante mencionar o site <https://mnemosineantologias.com/seculo-xviii/>, que desde 2015 reúne traduções em português de textos de autoras francesas do século XVII e XVIII, contribuindo enormemente para a divulgação de uma série de obras de autoria feminina ao público-leitor brasileiro.

² GIOVANNI, Ricciardi. **Auto-retratos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

³ Essas e outras questões são exploradas e analisadas por John M. Conley em seu verbete dedicado à vida e obra de Madeleine de Scudéry, publicado em 2011 pela *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, editada por Edward N. Zalta. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/madeleine-scudery/>. Acesso em: 11 dez. 2019.

⁴ Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9H0164>. Acesso em: 30 jul. 2019.

⁵ As traduções consultadas aparecem nas seguintes obras: *The Story of Sappho*, publicada em 2003, com tradução de Karen Newman, e em *Selected Letters, Orations, and Rhetorical Dialogues*, publicada em 2004, editada e traduzida por Jane Donawerth e Julie Strongson — ambas publicadas pela University of Chicago Press como parte de uma série dedicada a escritoras do início do período moderno.

⁶ Na mitologia romana, Mercúrio é o deus da eloquência, da arte de falar bem, e Apolo, o deus da poesia, ao passo que Minerva é a deusa da sabedoria e das artes, e as musas eram encarregadas de proteger as Artes, as Letras e as Ciências. Dentre as diversas obras sobre mitologia greco-latina, recomenda-se *Mitologia Grega e Romana*, de Pierre Commelin, traduzida para o português por Eduardo Brandão e publicada no Brasil em 2011, pela editora Martins Fontes.

⁷ Trata-se do Monte Parnaso, montanha sagrada na Grécia antiga destinada a Apolo e às nove musas.

⁸ Do francês *lesbienne*, relativo à Ilha de Lesbos.

⁹ Durante o Renascimento, era comum a construção de arcos nas cidades para celebrar feitos políticos ou comemorar importantes personalidades.